

Ano começa com otimismo

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — O ano de 2002 não será nenhuma maravilha para a economia brasileira. Mas os analistas asseguram que o novo ano tem tudo para ser melhor do que 2001. “Em 2002, a economia brasileira sairá do estancamento para chegar ao final do ano com forte aceleração”, prevê Paulo Leme, diretor do banco Goldman & Sachs. “O Produto Interno Bruto vai crescer 0,5% no primeiro trimestre e chegará a 4% no final do ano.” Outros analistas e o próprio governo, no entanto, preferem manter cautela. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, aposta que o país crescerá 2,5%, impulsionado pelas exportações e os investimentos privados e públicos. O otimismo moderado em nada lembra as previsões traçadas no início de 2001, que não se confirmaram. Uma série de obstáculos, como os efeitos da crise argentina, o impacto da desaceleração da economia mundial, o racionamento de energia, a alta do dólar e dos juros tiraram o país da rota do crescimento.

Todos concordam que, neste ano, o bom desempenho da economia brasileira dependerá da retomada da produção e do consumo nos Estados Unidos, o que só deve ocorrer no terceiro trimestre. “No final do ano, setores importantes, como a indústria automobilística e de eletroeletrônicos devem recuperar o terreno perdido em 2001”, afirma Afonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central. A reação desses dois setores é importante porque criam uma quantidade razoável de empregos e são exportadores.

Para o professor Luis Gonzaga Belluzo, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o governo não vai estimular um maior avanço da economia porque isso pode provocar o aumento das importações e reduzir o saldo da balança comercial. “E isso não ajudará a diminuir a dependência do país do capital estrangeiro”, comenta. Nas contas do banco CSFB Garantia, o Brasil precisará de US\$ 50,8 bilhões neste ano para pagar contas internacionais, como importações e fretes. “Em 2002, as exportações terão um incremento de 3,8%, mas como o crescimento do país será limitado, as importações cairão 1,1%”, estima José Augusto Castro, diretor da Associação dos Exportadores do Brasil (AEB).

TARIFAS DE ENERGIA

As previsões para os índices de preços também são animadoras. “Com a queda de 20% do preço da gasolina para o consumidor amanhã, é bem provável que no mês a inflação ficará próxima de zero”, afirma Luís Roberto Cunha, professor da PUC do Rio. O Banco Central estima que a inflação em 2002 ficará em 3,7%, metade dos 7,4% registrados em 2001. Além da menor pressão das tarifas de energia, vão colaborar com a queda do custo de vida a estabilidade do valor do barril do petróleo por volta dos US\$ 20 e a perspectiva de uma ótima safra agrícola. “Com um crescimento de 2,5% e cotação média do dólar entre R\$ 2,40 e R\$ 2,50, a inflação ficará entre 4,5% e 5%”, comenta Cunha.

Com a inflação menor, o Banco Central deve reduzir os juros. A retomada da trajetória de queda das taxas deverá começar em fevereiro ou março. “A queda não será muito forte porque o Banco Central manterá o controle rígido sobre a inflação”, afirma Edmar Bacha, um dos pais do Plano Real, economista do banco BBA Creditanstalt. “Em 2002, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo continuará influenciado pelos choques externos ocorridos em 2001 e pelo racionamento de energia.” Na avaliação de Bacha, os juros cairão dos atuais 19% para 17% ao ano no final de 2002.

Paulo Whitaker/Reuters 23.04.99



UNIDADE DA MERCEDES BENZ EM JUIZ DE FORA: BOAS PERSPECTIVAS PARA 2002

Segundo o economista, as pressões sobre o câmbio também serão menores neste ano. Além de ter conseguido se isolar do contágio da crise argentina, o Brasil conta com um fato político importante para aliviar o apetite dos investidores pelo dólar. A ascensão da governadora do Maranhão, Roseana Sarney, nas pesquisas sobre a intenção de voto para a Presidência da República mostra que o governo Fernando Henrique Cardoso tem condições de eleger um sucessor. “Isso reduz muito a apreensão dos investidores com as chances da oposição vencer as eleições e diminui eventuais pres-

sões sobre o câmbio”, diz Bacha. Para ele, a cotação do dólar não passará de R\$ 2,60.

FALTA DE EMPREGOS

Como 2002 não será marcado por forte crescimento da economia, as expectativas para a geração de empregos são pouco animadoras. Na opinião dos especialistas, a taxa de desemprego se manterá na faixa dos 6% e 7%. “O desemprego deve atingir 7% da população economicamente ativa”, afirma Sérgio Mendonça, diretor-técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Em novembro de 2001,

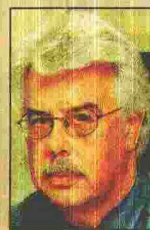
o desemprego ficou em 6,4%.

Para Mendonça, a criação de vagas só terá um incremento no segundo semestre. “A taxa de desemprego só cairá quando o país começar a crescer mais de 3,5% ao ano”, afirma. Na avaliação de Delfim Netto, a criação de empregos depende do aumento expressivo dos financiamentos oficiais às exportações. “O Banco do Brasil ainda é uma instituição tímida na liberação de créditos, especialmente para o médio e pequeno empresário que deseja vender seus produtos no exterior mas não tem financiamento disponível”, comenta.

O diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gomes de Almeida, acredita que o crescimento da produção a curto e médio prazo depende de três fatores. “Um deles é a adoção de políticas de modernização setorial, como por exemplo, melhoria do design de móveis e pedras preciosas”, afirma o consultor. Um outro ponto é a substituição de importações por meio da qualificação do produto nacional. O terceiro fator é a atuação agressiva do governo na atração de empresas estrangeiras em áreas de tecnologia de ponta, como produção de programas de computador. Isso ajudará o país a criar empregos qualificados e reduzirá as importações de componentes sofisticados.

PREVISÕES CAUTELOSAS

Como vão se comportar os principais indicadores da economia brasileira em 2002



INDICADORES	EDMAR BACHA	AFONSO CELSO PASTORE	DELFIN NETTO	PAULO LEME	LUIS GONZAGA BELLUZO
Crescimento (PIB)	2,5 %	2% a 2,5 %	2,5 %	2 %	2 %
Inflação (IPCA)	5,5 %	4% a 5 %	5,5%	5 %	5,5 %
Desemprego (IBGE)	-	6 % a 6,5 %	6,6 %	6 %	7 %
Saldo comercial (em US\$ bilhões)	3,7	5 a 6	5	4,1	2,5
Taxa de juros no final de 2002	17%	abaixo de 17%	abaixo de 18%	16,5%	18%
Cotação do dólar no final de 2002	R\$ 2,60	—	R\$ 2,50 a R\$ 2,60	R\$ 2,50	R\$ 2,70
Déficit em conta corrente (em US\$ bilhões)	20,4	20	20	21	22
Investimento estrangeiro direto (em US\$ bilhões)	15,5	19	18	16	18
Superávit primário (em % do PIB)	3,5	3,5	3,5	3,5	3,5

O QUE ELES DIZEM

“Em 2002, a economia brasileira sairá do estancamento para chegar ao final do ano com forte aceleração”

PAULO LEME
Diretor do banco Goldman & Sachs

“No final do ano, setores importantes, como a indústria automobilística e de eletroeletrônicos devem recuperar o terreno perdido em 2001”

AFONSO CELSO PASTORE
Ex-presidente do Banco Central

“Com a queda de 20% do preço da gasolina para o consumidor no dia 2 de janeiro, é bem provável que a inflação de janeiro ficará próxima de zero”

LUIS ROBERTO CUNHA
Economista, professor da PUC do Rio

“A taxa de desemprego só cairá quando o país começar a crescer mais de 3,5% ao ano”

SÉRGIO MENDONÇA
Diretor da Dieese

“Em 2002, as exportações terão um incremento de 3,8% e as importações cairão 1,1%”

JOSÉ AUGUSTO CASTRO
Diretor da Associação dos Exportadores do Brasil